

Movimento Estudantil Sorocabano: Além da Noite do Beijo*

Carlos Carvalho Cavalheiro

Possivelmente, a maior – ou ao menos a mais conhecida – manifestação de jovens de Sorocaba durante a Ditadura Militar tenha sido a “Noite do Beijo”, ocorrida em 7 de fevereiro de 1981, em um protesto contra a portaria do juiz de direito Manuel Morales, que proibia os namoros com beijos nas praças públicas (Cavalheiro, 2001, p. 75; Batistella, 2009, p. 11).

Cerca de 5 mil jovens lotaram a Praça Coronel Fernando Prestes para se manifestar contra a medida. Como ainda vivíamos num Regime Ditatorial, o protesto terminou em conflito com a Polícia Militar. O evento se associou à história do movimento estudantil, já que muitos dos jovens presentes eram estudantes (Fazano; Pelegri, 2009, p. 63).

Entretanto, a participação dos estudantes sorocabanos em protestos durante a Ditadura Militar não se restringiu a esse episódio. Na onda das manifestações de 1968, os estudantes sorocabanos também estiveram presentes.

O ano foi conturbado e em maio ocorreram protestos estudantis na França. De acordo com o site Brasil Escola,

O maio de 1968 iniciou-se a partir das mobilizações realizadas por estudantes franceses na Universidade Paris, em Nanterre (região metropolitana de Paris). O fortalecimento do movimento estudantil na França (e no mundo) está diretamente relacionado com o

* DOI - 10.29388/978-65-6070-080-2-0-f.16-39

aumento no ingresso de jovens na Universidade. Esse fenômeno tem relação com o desenvolvimento da Europa Ocidental no pós-guerra¹.

Logo, diversas partes do mundo seriam incendiadas com essas mesmas ideias de liberdade. No Brasil, as capitais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais tiveram as ruas tomadas pelos estudantes que exigiam liberdade e democracia, depois de quatro anos de Regime Militar. Como bem salientou o historiador Eric Hobsbawm, mesmo que as manifestações de 1968 sejam mais culturais do que políticas,

[...] essa rebelião ajudou a politizar um número substancial da geração estudantil rebelde, que naturalmente se voltou para os inspiradores da revolução radical e total transformação social (Hobsbawm, 1995, p. 432).

No Brasil, os estudantes procuravam se reagrupar na entidade máxima da sua representação: a União Nacional dos Estudantes (UNE). Surgida no final da década de 1930, num período de crescimento de correntes ideológicas do fascismo (como o integralismo), a UNE almejava, desde o berço, a defesa dos ideais de democracia, assim como a abertura de espaços para a participação dos estudantes nas decisões políticas do país.

De acordo com o material de divulgação da entidade, a história do surgimento da UNE pode ser resumida da seguinte forma:

No dia 11 de agosto de 1937, na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, o então Conselho

¹ Ver mais em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/maio-1968.htm> Acesso em: 05 jul. 2021.

Nacional de Estudantes conseguiu consolidar o grande projeto, já almejado anteriormente algumas vezes, de criar a entidade máxima dos estudantes. Reunidos durante o encontro, os jovens a batizam como União Nacional dos Estudantes (UNE). Desde então, a UNE começou a se organizar em congressos anuais e a buscar articulação com outras forças progressistas da sociedade. O primeiro presidente oficial da entidade foi o gaúcho Valdir Borges, eleito em 1939.

Os primeiros anos da UNE acompanharam a eclosão do maior conflito humano da história, a segunda guerra mundial. Os estudantes brasileiros, recém-organizados, tiveram ação política fundamental no Brasil durante esse processo, opondo-se desde início ao nazifascismo de Hitler e pressionando o governo do presidente Getúlio Vargas a tomar posição firme durante a guerra. Entraram em confronto direto com os apoiadores do fascismo, que buscavam maior espaço para essa ideologia no país. No calor do conflito, em 1942, os jovens ocupam a sede do Clube Germânia, na Praia do Flamengo 132, Rio de Janeiro, tradicional reduto de militantes nazifascistas. No mesmo período, o Brasil entrava oficialmente na guerra contra o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. Naquele mesmo ano, o presidente Vargas concedeu o prédio ocupado do Clube Germânia para que fosse a sede da União Nacional dos Estudantes. Além disso, pelo decreto-lei n. 4080, o presidente oficializou a UNE como entidade representativa de todos os universitários brasileiros².

Com o recrudescimento do Regime Ditatorial e estimulados pelo contexto mundial pautado pelas manifestações de contestação lideradas pela juventude, os estudantes brasileiros, especialmente arregimentados em torno da UNE, pas-

² Ver mais em: <https://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/> Acesso em: 01 out. 2022.

sam a mostrar o seu descontentamento por todos os meios que lhe eram facultados. Nesse sentido, o historiador Boris Fausto argumenta que “em 1968 as mobilizações ganharam ímpeto. 1968 não foi um ano qualquer” (Fausto, 1999, p. 477).

De fato, naquele ano de 1968, jovens de diversas partes do mundo desejavam reconstruir um mundo com valores distintos daqueles até então legados, geração após geração, por tradições e escorados no capitalismo. A letra quase anárquica de “É proibido proibir”, canção defendida por Caetano Veloso, no III Festival Internacional da Canção, realizado no Ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, era o termômetro que media o clima contestatório daquele momento: “Me dê um beijo, meu amor: / Eles estão nos esperando / Os automóveis ardem em chamas / Derrubar as prateleiras, / As estátuas, as estantes, / As vidraças, louças, livros... Sim. / E eu digo ‘sim’ / E eu digo não ao ‘não’ / E eu digo: é proibido proibir”.

Nesse mesmo Festival, a canção “Caminhando (Para não dizer que não falei das flores)”, de Geraldo Vandré, apesar de ter ficado em segundo lugar, tornou-se um hino de resistência à ditadura civil-militar. Ampliando ainda mais o contexto desse período, Boris Fausto nos ensina que:

Em vários países, os jovens se rebelaram, embalados pelo sonho de um mundo novo. Nos Estados Unidos, houve grandes manifestações contra a Guerra do Vietnã; na França, a luta inicial pela transformação do sistema educativo assumiu tal amplitude que chegou a ameaçar o governo De Gaulle. Buscava-se revolucionar todas as áreas do comportamento, em busca da liberação sexual e da afirmação da mulher. As formas políticas tradicionais eram vistas como velharias e esperava-se colocar ‘a imaginação no poder’. Esse clima, que no Brasil teve efeitos visíveis no plano da cultura em geral e da arte, especialmente na música popular,

deu também impulso à mobilização social. Era um árduo caminho colocar ‘a imaginação no poder’, em um país submetido a uma ditadura militar. O catalisador das manifestações de rua em 1968 foi a morte de um estudante secundarista. Edson Luís foi morto pela Polícia Militar durante um pequeno protesto realizado no Rio de Janeiro, no mês de março, contra a qualidade da alimentação fornecida aos estudantes pobres no restaurante do Calabouço. Seu enterro e a missa rezada na igreja da Candelária foram acompanhados por milhares de pessoas. A indignação cresceu com a ocorrência de novas violências (Fausto, 1999, p. 477 - 478).

Tais manifestações de contestação ao Regime Militar foram frequentes e relativamente bem documentadas nos grandes centros urbanos, sobretudo o Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, elas teriam ocorrido nas cidades interioranas, ao menos de médio e grande porte? É campo novo, basicamente intocado ainda pela historiografia, o estudo e a pesquisa sobre a mobilização de resistência à ditadura civil-militar (1964 – 1985) ocorrida nas cidades do interior. No Estado de São Paulo, um dos episódios que ganhou certa notoriedade foi a tentativa de realização do Congresso da UNE na cidade de Ibiúna. Porém, como se verificará adiante neste capítulo, a frustração da realização desse Congresso serviu de estímulo para a ocorrência de manifestações estudantis em cidades do interior paulista. No caso específico tratado neste capítulo, isso acontece com a ocorrência de uma manifestação em Sorocaba em um protesto, pela repressão ao Congresso da UNE e ao movimento estudantil.

O Congresso da UNE

Cabe aqui um preâmbulo para tratar do Congresso da UNE, frustrado pela intervenção das forças ditatoriais de repressão que realizaram a prisão de diversos estudantes.

A UNE já havia sido perseguida pelo Regime Militar logo no seu alvorecer. Qualquer organização era vista com desconfiança pelo governo que se instalava após o Golpe de 31 de março de 1964. Isso ocorria, sobretudo, uma organização com as características da UNE, a qual reunia o vigor e o desejo pela utopia, tão comuns na juventude, com o discurso politizado de quem frequentava os bancos escolares. Certamente, essa “mistura” não seria bem-vista por um regime que pretendia instalar o autoritarismo e abolir o livre pensar. Assim, nos primeiros dias de governo ditatorial, a UNE é alvo da sanha persecutória dos militares.

Atingido com dureza já nos primeiros dias do novo governo, quando a sede da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi incendiada na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, o Movimento Estudantil começou a se manifestar com energia a partir de 1965, em todo o País. A UNE desafiou abertamente a proibição das entidades estudantis autênticas, imposta pelo primeiro-ministro da Educação do regime militar, Flávio Suplicy de Lacerda. Essas manifestações cresceriam até atingir seu auge nas grandes passeatas de 1968, entrando em refluxo após a decretação do AI-5 em dezembro daquele ano, para voltar a crescer novamente a partir de 1977 (Brasil, 2007, p. 23 - 24).

Após os primeiros ataques do Estado à organização estudantil, a UNE consegue se rearticular a partir de 1967 (Silva; Carneiro, 1983, p. 33). Num primeiro momento,

[...] as reivindicações das diversas correntes que disputavam a liderança eram, precipuamente, de caráter universitário: aumento de verbas para as universidades; aproveitamento de alunos que, aprovados nos exames vestibulares, não encontravam vagas e eram classificados como excedentes (Silva; Carneiro, 1983, p. 33).

Aparentemente, esse quadro começa a mudar com a morte do estudante Edson Luís, no dia 28 de março de 1968, durante o protesto pelos preços e pela qualidade da alimentação fornecida pelo restaurante Calabouço. O que até então era uma reclamação de âmbito “estudantil”, ganha novas dimensões, embaladas pela repercussão política sobre a repressão policial.

O corpo [de Edson Luís] foi carregado pelas ruas centrais da cidade e velado no saguão de entrada da Assembleia Estadual, na Cinelândia. O Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas foram palcos de ressonância de exaltados debates políticos de repúdio à ação repressiva do governo (Silva; Carneiro, 1983, p. 33).

Em outubro de 1968, os estudantes da UNE organizaram o que deveria ser o 30º Congresso estudantil da entidade. Tentando burlar a repressão, os estudantes escolheram uma pequena cidade do interior paulista, na região de Sorocaba, para realizar o seu Congresso. Ocorre que, em vez da discrição, os estudantes passaram a chamar a atenção, à medida que mudavam o cotidiano da pequena cidade. O jornal “O Estado de S. Paulo” atribuiu a desorganização dos estudantes como fator que gerou a desconfiança e aviso das forças de repressão por parte de habitantes da própria cidade de Ibiúna:

A desorganização e os duros obstáculos decorrentes da escolha do próprio local comprometeram imediatamente todo o esquema de segurança do Congresso da ex-UNE. Acesso difícil, 7 quilômetros de estrada – intransitáveis no último dia – abastecimento em colapso, desconforto – foram as causas que minaram a segurança.

A partir do próprio desembarque, nas proximidades de Ibiúna, e o posterior transporte em 5 veículos que não pararam de correr durante três dias – muita suspeita nasceu nos lavradores. As estradas da região têm reduzido tráfego. De repente, camionetas, jipes e um caminhão passar a fazer 10 viagens diárias com a camuflagem mal disfarçada de uma lona cobrindo dezenas de cabeças em cada veículo (O Estado de São Paulo, 1968, p. 27).

O jornal paulistano informou sobre a prisão de mais de 700 pessoas, entre estudantes e jornalistas que acompanhavam a realização do Congresso. Outras fontes, como a Folha de São Paulo, contabilizaram as prisões e detenções em torno de mil. De qualquer maneira, o número foi bastante significativo, a ponto de afirmarem os representantes da repressão que o movimento estudantil estaria desarticulado “pelo menos por um bom tempo” (O Estado de São Paulo, 1968, p. 28).

O Congresso iniciou-se numa segunda-feira, dia 7 de outubro. No dia 12 de outubro, às 7h30, um forte esquema de repressão formado por 170 policiais da Força Pública e mais 30 agentes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) detiveram os estudantes, que foram encaminhados, inicialmente, para a Casa de Detenção. Após uma triagem, as lideranças do movimento foram levadas para as dependências do DOPS (O Estado de São Paulo, 1968, p. 1).

De acordo com o coronel Barsotti, Comandante do 7º Batalhão Policial de Sorocaba e diretor da operação de repressão ao Congresso da UNE, os estudantes “caíram numa ar-

madilha”, pois há dias os órgãos policiais estavam vigiando e coletando informações sobre a reunião em Ibiúna (O Estado de São Paulo, 1968, p. 1).

Apesar da desestabilização e aparente desarticulação do movimento estudantil, lideranças da UNE presas em Ibiúna informaram aos repórteres dos jornais que cobriram a operação policial que “a luta será mais acirrada ainda” e prometeram mais “manifestações nacionais para a semana que vem” (O Estado de São Paulo, 1968, p. 28).

Essa promessa foi cumprida. Várias manifestações estudantis ocorreram nos dias posteriores à prisão das lideranças da UNE. Em Sorocaba, cidade do interior paulista, o chamado das lideranças estudantis foi ouvido.

As manifestações estudantis em Sorocaba

Apesar de ser uma cidade interiorana, Sorocaba construiu uma história peculiar. As terras que compõem o território dessa cidade não eram propícias ao desenvolvimento de uma agricultura de larga escala. Ao longo dos séculos, plantações como a de cana-de-açúcar (especialmente nos séculos XVIII e início do XIX), algodão e laranja estavam longe de ser a atividade econômica principal.

Entre os meados dos séculos XVIII e XIX, a atividade da venda de tropas muares, trazidas do sul do país, movimentou a economia da cidade pelas famosas feiras. Paralelamente, atividades secundárias – a maior parte subsidiária do comércio muar – ajudavam na composição do quadro econômico da cidade. O comércio, por exemplo, era bastante estimulado pela sazonalidade da feira de muares. Assim, também, prestação de serviços como a doma de animais e o artesanato sobreviviam graças a esse fluxo de

pessoas, vindas de diversas localidades do país, interessadas no comércio do gado muar.

Da mesma forma, aproveitando o contingente de pessoas que afluíam para Sorocaba, desenvolveu-se uma pequena rede hoteleira e de pousadas. Artistas circenses e atores de teatro também buscavam a cidade na mesma época.

Com o declínio da venda dos muares, as forças econômicas se concentram na inversão de capital nas indústrias têxteis. Entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, Sorocaba contará com fábricas de grande porte, que lhe propiciarão o epíteto de Manchester Paulista.

O desenvolvimento industrial estará atrelado a um ideário de “modernidade” e de desenvolvimento burguês (Carvalho, 2010). Com isso, na década de 1950, em especial, começam a surgir movimentos para a constituição de instituições de ensino superior na cidade. No dia 14 de abril de 1950, surge a Faculdade de Medicina de Sorocaba, pertencente à Pontifícia Universidade Católica (PUC). A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI, atual Universidade de Sorocaba – UNISO) entrou em funcionamento no dia 7 de março de 1954. Em 16 de abril de 1956, é fundada a Faculdade de Direito de Sorocaba.

Portanto, na década de 1960, Sorocaba contava com um número significativo de estudantes universitários. A par desse fato, os estudantes secundaristas também eram expressivos e desde a década de 1930, pelo menos, estavam organizados em agremiações como o Grêmio Varnhagem (Cavalheiro, 2001). Em 5 de maio de 1931, estudantes de Sorocaba (chamados de ginásianos) realizaram uma greve, acompanhando o movimento nacional de estudantes contra

as reformas da educação. A greve foi encerrada dois dias depois (Cavalheiro, 2001, p. 59).

Esses acontecimentos demonstram que o movimento estudantil em Sorocaba possuía alguma genealogia com que poderia se orientar na década de 1960 acerca da mobilização política de jovens que frequentavam as instituições de ensino. É possível, portanto, que esses estudantes, sobretudo os universitários, tivessem algum contato com a militância da UNE. Essa ilação não é gratuita. Em abril de 1968, conforme noticiou a imprensa da capital, os

[...] estudantes de Medicina e Filosofia de Sorocaba, trajando ternos pretos, improvisaram passeata na noite de anteontem, pelas ruas da cidade. Os cartazes, com dizeres contra o governo, ficaram exposto todo o dia no coreto e nos postes da praça Cel. Fernando Prestes. (O Estado de São Paulo, 1968, p. 8).

Na fachada da Faculdade de Filosofia foi colocada uma faixa de luto com 14 metros e, ainda, organizada uma passeata (O Estado de São Paulo, 1968, p. 8). O protesto foi em decorrência da morte do estudante Edson Luís Souto, no Rio de Janeiro. Outras cidades do interior paulista, como Piracicaba, Araraquara, São José dos Campos, São José do Rio Preto, Campinas, Botucatu e Guaratinguetá também realizaram protestos pela morte do estudante carioca. O movimento realizado em Sorocaba na semana seguinte aos acontecimentos de Ibiúna corrobora, ainda mais, a hipótese de que os estudantes sorocabanos mantinham ligações com a União Nacional dos Estudantes.

Dia Nacional do Protesto

Os estudantes de várias localidades atenderam aos apelos da UNE e realizaram o Dia Nacional do Protesto. Em São Paulo, de acordo com uma reportagem do jornal “O Estado de São Paulo”, várias instituições realizaram a “grevilha” (boicote às aulas com comparecimento às escolas), que terminou no dia 23 de outubro. O protesto aconteceu em decorrência da prisão dos delegados do Congresso da UNE, em Ibiúna.

Porém, nem todos os estudantes participaram do protesto. Na Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo), por exemplo, cerca de 100 alunos furaram a greve e assistiram às aulas normalmente. Já na Faculdade de Medicina da mesma Universidade, os estudantes do 4º e 5º ano não participaram do boicote (O Estado de São Paulo, 1968, p. 9). Nenhuma Faculdade do Mackenzie participou da greve, por entender que “a UNE não representa, de fato, o movimento estudantil, pois é manipulada por elementos estranhos à classe” (O Estado de São Paulo, 1968, p. 9).

As Faculdades da PUC tiveram participação maior, aparentemente, que as demais. Os estudantes de Filosofia permaneceram em greve desde a manhã do dia 22, enquanto os de Direito e de Economia participaram do movimento somente à noite (O Estado de São Paulo, 1968, p. 9).

No centro da capital paulista, dez estudantes universitários e 15 secundaristas tentaram realizar diversos comícios relâmpagos e uma passeata, mas, de acordo com a imprensa, conseguiram apenas uma breve manifestação de 11 minutos (O Estado de São Paulo, 1968, p. 9).

O Dia Nacional do Protesto ocorreu em várias outras localidades. No Rio de Janeiro, os estudantes entraram em

choque com a Polícia. Em Belo Horizonte, os estudantes realizaram um “pedágio”, com a finalidade de arrecadar dinheiro para pagar advogados para os delegados da UNE presos nas dependências do DOPS, 12º RI, Batalhão Escola e no 4ª Companhia de Comunicações do Exército. Em Goiânia, onde cerca de 300 estudantes realizaram uma passeata, a polícia prendeu 14 estudantes e um repórter do jornal “Cinco de Março”. No Recife, o secretário de Segurança Pública, general Adeodato Montalverne, declarou que não permitiria a realização de protestos estudantis. Em Campinas, interior de São Paulo,

Os alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica suspenderam a greve que iniciaram na última quinta-feira e aprovaram, em nova assembleia, usar a tática de guerrilha: boicotar as aulas e fazer discussões políticas, com a presença de professores (O Estado de São Paulo, 1968, p. 9).

Na USP, estudantes de Direito ligados à Vanguarda Revolucionária lançaram um manifesto contrário às greves estudantis, considerando o Dia Nacional do Protesto como “ilegal e feito por entidades espúrias”, como a extinta UNE e a extinta UEE (União Estadual dos Estudantes), com o pretexto de manifestar repúdio à “permanência na prisão de líderes universitários esquerdistas” que, na concepção da “Vanguarda”, não representavam maciçamente os “acadêmicos” (O Estado de São Paulo, 1968, p. 13). A ação organizada pela UNE era a da realização do Dia Nacional do Protesto em 22 de outubro. Entretanto, dias antes, os estudantes cariocas já haviam realizado manifestações de repúdio à ação policial no episódio do Congresso da UNE.

Em Sorocaba, os estudantes da Faculdade de Medicina realizaram o “Dia do Protesto”, em 22 de outubro de

1968, de acordo com o que a organização da UNE havia orientado. Reunidos em assembleia durante a tarde, por volta das 18 horas, saíram em passeata, juntamente com estudantes da Faculdade de Filosofia, distribuindo boletins e empunhando faixas nas quais estavam escritas: “Abaixo a ditadura, Viva a UNE” (União Nacional dos Estudantes).

Aglomerados na Praça Coronel Fernando Prestes, cerca de 300 estudantes desfilaram pelas ruas centrais, estourando rojões e gritando palavras de ordem contra a ditadura.

A manifestação se dispersou em frente ao Mercado Municipal, tendo os estudantes se misturado aos trabalhadores que saíam das fábricas têxteis. O Batalhão de Choque da Polícia Militar e a Guarda Civil foram acionados, mas, devido à estratégia dos estudantes e ao trânsito intenso da hora, não puderam efetuar prisões. Policiais à paisana circulavam entre os estudantes e pelas ruas, tentando impedir novas manifestações e passeatas.

A ação desses jovens sorocabanos foi bem orquestrada e organizada e mostrou que não foram intimidados, a despeito da repressão contra os estudantes presos por participarem do 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) em um sítio na vizinha cidade de Ibiúna (Ikedo, 2003). No dia 16 de outubro, o jornal *Cruzeiro do Sul* noticiou que esses estudantes presos estavam fazendo greve de fome, protestando contra as condições carcerárias do Presídio Tiradentes e das dependências do DOPS (Delegacia de Ordem Pública e Social). Dentre os presos estava o estudante sorocabano Osvaldo Francisco Noce, que anos depois viria a ser vereador da cidade.

Essa manifestação estudantil era um reflexo, talvez, de outras similares, que estavam ocorrendo pelas cidades brasileiras. No dia 17 de outubro de 1968, uma enorme massa

estudantil, calculada em mais de mil pessoas, ocupou ruas centrais do Rio de Janeiro, a partir das 12h30, paralisando o trânsito, pichando ônibus e fazendo comícios relâmpagos. Na ocasião, o presidente da União Metropolitana de Estudantes, Carlos Alberto Muniz, discursou denunciando a repressão a UNE (União Nacional dos Estudantes), numa clara referência ao Congresso de Ibiúna (Cruzeiro do Sul, 1968, p. 1).

No começo daquele ano, a repressão militar já havia feito uma vítima entre os estudantes: o secundarista Edson Luís de Lima Souto foi alvejado e morto por policiais militares que invadiram o restaurante Calabouço no Rio de Janeiro. Houve protestos estudantis em diversas cidades, inclusive do interior paulista. No dia 22 de outubro de 1968, outro estudante, agora universitário, também foi morto com um tiro na cabeça, dado por policiais militares que reprimiam as manifestações estudantis no Rio de Janeiro (Cruzeiro do Sul, 1968, p. 1).

Em Sorocaba, apesar de ser uma cidade do interior paulista, as manifestações estudantis de 1968 seguiram a “mesma tática utilizada em São Paulo e no Rio” (Cruzeiro do Sul, 1968, p. 1).

De acordo com o que noticiou a imprensa local da cidade, esses estudantes se dirigiram até o local da aglomeração, a Praça Coronel Fernando Prestes, vindos de diversos lugares, em pequenos grupos. Depois de um comício relâmpago, os 300 estudantes desfilaram pela contramão das ruas centrais, terminando a manifestação, diante do Mercado Municipal, antes que a polícia conseguisse mobilizar suas tropas de choque.

A manifestação noticiada sobre o Rio de Janeiro estimou 1000 estudantes participantes, enquanto em Sorocaba o número foi três vezes menor, ou seja, 300. No entanto, deve-se levar em consideração que a população total do Rio de Ja-

neiro naquela época era de cerca de 4 milhões e 500 mil pessoas e a de Sorocaba estava estimada em pouco menos de 176 mil habitantes. Nesse sentido, o engajamento dos estudantes sorocabanos, em números absolutos, foi proporcionalmente maior do que os do Rio de Janeiro.

Com esses dados, seria importante perscrutar os motivos que fizeram com que em uma cidade de interior paulista, a despeito de todo o contexto envolvido, o engajamento dos estudantes em manifestações teria sido, proporcionalmente, mais expressivo.

Essa informação abre margem para ilações como a de que houvesse uma mobilização estudantil mais organizada e engajada do que o senso comum imagina.

No caso de Sorocaba, especificamente, os estudantes – ao menos as lideranças e a massa efetiva – pertenciam à Faculdade de Medicina e da Faculdade de Filosofia. Um fato curioso: as duas faculdades eram de orientação católica. A de Medicina pertence à Pontifícia Universidade Católica e a de Filosofia (que atualmente compõe a Universidade de Sorocaba, UNISO), tinha por mantenedora a Fundação Dom Aguirre.

O itinerário percorreu as ruas centrais de Sorocaba: Rua Dr. Braguinha (antiga Rua Direita), Rua Monsenhor João Soares, Rua da Penha, Rua Coronel Benedito Pires, alcançando, daí, o Mercado Municipal. Durante esse trajeto, percorrido na contramão, os estudantes dependuraram faixas nas casas comerciais e nos postes (Cruzeiro do Sul, 1968, p. 3). Ademais, houve distribuição de panfletos e, ao que tudo indica, o movimento foi de perto acompanhado por investigadores de polícia e até pelo delegado Guilherme Viesi (Cruzeiro do Sul, 1968, p. 3).

Nos discursos, os estudantes declararam o seu repúdio à repressão realizada contra o Congresso da UNE em Ibiúna. Esse é outro ponto interessante dessa manifestação, porquanto, aparece como resposta imediata e pontual a um fato ocorrido contra o movimento estudantil.

A manifestação começara às 18 horas e até às 20 horas, policiais à paisana circulavam pelas ruas centrais esperando coibir novas manifestações. Os policiais carregavam bombas de efeito moral e cassetetes, tendo ordem expressa de impedir novas manifestações. Houve um boato de que os estudantes de Medicina e de Filosofia invadiriam as salas de aulas dos estudantes de Direito e Administração de Empresas. Ao que tudo indica, os Diretórios Acadêmicos dessas duas últimas faculdades não aderiram às manifestações. Ainda assim, verificou-se depois que essa informação era apenas boato.

Uma curiosidade anotada pelo repórter do jornal *Cruzeiro do Sul* foi que enquanto os estudantes se dispersaram, misturando-se aos trabalhadores que saíam das fábricas, um homem pobre e velho colocava os cartazes de cartolina abandonados dentro de um saco, para vender como material reciclável. Misérias de todas as ordens são sempre destacadas em sociedades que primam pelo autoritarismo e pela desigualdade social.

Os estudantes da Faculdade de Medicina fizeram greve de dez dias. Desde o dia 14 de outubro, dois dias após o episódio do Congresso da UNE, os estudantes deflagraram a greve, que foi encerrada por decisão deles mesmos em assembleia (*Cruzeiro do Sul*, 1968, p. 1).

Após o término dessa greve, a imprensa sorocabana não divulgou mais nenhuma manifestação dos estudantes contra a repressão ao Congresso da UNE. Até o final do ano de 1968, diversas notícias sobre manifestações estudantis em

outros estados (Rio de Janeiro, Pernambuco, dentre outros), foram publicadas. No entanto, as ações locais de estudantes em protesto não foram noticiadas.

Quando beijar se tornou protesto

Embora essa ação dos estudantes sorocabanos de 1968 tenha a sua importância histórica – até por revelar que a cidade de Sorocaba não estava alienada dos acontecimentos e manifestações estudantis de outros centros urbanos maiores – a memória desse fato se perdeu.

Na constituição de uma memória de luta contra a ditadura, ganhou notoriedade dois outros fatos: a morte do estudante Alexandre Vannuchi Leme, ocorrida em São Paulo nas dependências do DOI-CODI, em 1973, e a chamada “Noite do Beijo”, que aconteceu em 1981.

Alexandre Vannuchi Leme era estudante de Geologia na USP, quando foi preso e torturado até a morte, no dia 17 de março de 1973. A versão oficial da época dizia que ele fora atropelado quando tentava fugir da prisão. Ele foi sepultado como indigente no Cemitério de Perus, aonde foram enterradas diversas vítimas da repressão. De família católica – o seu tio era padre em Sorocaba, sua cidade natal – a repercussão da sua morte suscitou uma movimentação de repúdio à ditadura. Em uma missa realizada por Dom Paulo Evaristo Arns e pelo Bispo de Sorocaba, Dom José Melhado Campos, na Catedral da Sé, compareceram 5 mil pessoas no dia 30 de março de 1973 (Brasil, 2007, p. 337). “Em março de 1976, o DCE-Livre da USP finalmente foi criado, em assembleia, e batizado com o nome de Alexandre Vannuchi Leme”³.

³ Ver mais em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/alexandre-vannucchi-leme/>. Acesso em: 9 out. 2022.

Alexandre Vannuchi Leme nasceu em Sorocaba em 6 de outubro de 1950. Ele era filho de José de Oliveira Leme e de Egle Maria Vannuchi Leme. Ingressou no Curso de Geologia da USP em 1970. Em 7 de outubro de 1978, cinco anos após a morte de Alexandre, erigiu-se em Sorocaba um monumento em sua homenagem com a participação do Comitê Brasileiro pela Anistia (Primo; Lima, 1990).

Alexandre Vannuchi Leme se tornou, assim, um referencial da memória de luta dos estudantes sorocabanos pela liberdade e contra a ditadura.

Com relação a manifestações estudantis, a chamada “Noite do Beijo” se tornou a mais famosa e referenciada pela memória coletiva dos sorocabanos.

Apesar de, à rigor, não ser uma manifestação de “estudantes” (com reivindicações próprias da categoria estudantil como reformas na Educação ou mesmo melhores condições para o estudo), pela participação da juventude da época, essa mobilização se converteu em referencial da luta do “movimento estudantil”. Esse é um ponto crucial e que chama à responsabilidade a historiografia que, até o momento, foi incapaz de produzir estudos que pudessem fornecer memórias mais específicas do movimento estudantil no interior do país.

Nesse sentido, a divulgação da manifestação dos estudantes em 1968 abre uma possibilidade interessante de aprofundamento da questão, por demonstrar que existem outras mobilizações e ações do movimento estudantil sorocabano ainda a serem reveladas. Possivelmente, um trabalho de História Oral – sem dispensar outras metodologias, incluindo a análise de documentos que porventura possam existir, como atas de organizações estudantis, por exemplo – pode revelar

muitos aspectos ainda desconhecidos da maioria dos sorocabanos.

A “Noite do Beijo” ocorreu em 7 de fevereiro de 1981. Sorocaba contava, na época, com uma população estimada em 270 a 280 mil habitantes, mas mantinha ranços de conservadorismo, apesar do discurso “liberal” (Cavalheiro, 2018). O juiz de direito Manuel Morales baixou uma portaria proibindo “beijos cinematográficos, em que as mucosas labiais se unem em expansão insofismável de sensualidade assim como as apalpadelas” em praça pública. Diante disso, jovens sorocabanos, qualificados pela imprensa local como “um grupo de estudantes secundaristas que têm seu quartel general na sede do Partido Trabalhista” (Cruzeiro do Sul, 1981, p. 14), organizou uma manifestação de repúdio à emissão da referida portaria.

A ordem era ocupar a Praça Coronel Fernando Prestes (em pleno centro de Sorocaba) e, ato contínuo, realizar uma ação de beijos simultâneos, de maneira que a polícia teria que prender todos de uma só vez (o que seria impossível).

A organização do protesto conhecido como “Noite do Beijo” ganhou repercussão nacional e chegou a ter uma paródia na série de TV “O Bem Amado”, inspirada na obra de Dias Gomes (Cavalheiro, 2001). O episódio de “O Bem Amado” foi intitulado “A manifestança beijoquista” e foi exibido em 12 de maio de 1981.

A Manifestança Beijoquista, foi inspirado em uma notícia de jornal: em uma cidade do interior, um juiz teria proibido ‘o beijo libidinoso e obsceno, aquele em que as mucosas labiais se unem em expansão insofismável de sensualidade’. Em Sucupira, Odorico

impõe a mesma lei e, sob protestos generalizados, tenta promover uma limpeza de casais de namorados⁴.

A “Noite do Beijo” reuniu cerca de 5 mil pessoas e acabou em tumulto e confrontos com a polícia. Era a época de reabertura política e havia um clima de desafio à ditadura que ainda perdurava. Na memória dos sorocabanos – e mesmo pela repercussão do fato, o qual chegou a ser citado por Eduardo Galeano no seu livro “Os filhos dos Dias” – a “Noite do Beijo” ofuscou, ainda que involuntariamente, outras memórias de luta dos estudantes.

Considerações finais

A manifestação estudantil de 1968, em protesto contra a repressão ao Congresso da UNE em Ibiúna, não possui, até este momento, um lugar na memória das lutas estudantis da cidade de Sorocaba, interior paulista.

Para preencher esse nicho “vazio”, ganhou maior projeção a mobilização da “Noite do Beijo”, organizada e realizada em 1981. De qualquer maneira, a ocorrência das manifestações estudantis de 1968 em Sorocaba ajuda a entender o momento histórico vivido, deslocando as atenções do eixo das capitais para as cidades interioranas.

A rememoração – no sentido de reapropriação de uma memória até então esquecida – desse episódio da História de Sorocaba permite a identificação de grupos sociais com a própria construção histórica da cidade e, desse modo, de uma melhor qualidade na relação e na participação dos sujeitos históricos com os espaços físicos por eles habitados.

⁴ Ver mais em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/o-bem-amado/episodios.htm> Acesso em: 20 jul 2014.

A memória pode despertar a dignidade e o ânimo contra a humilhação. A memória pode buscar valores qualitativos das coisas e das pessoas contra a desqualificação. Desse modo, a memória pode nos devolver a relação profunda com a experiência humana (Gonçalves Filho, 1992, p. 17).

É de experiência humana o que mais carecemos hoje. Esse episódio pouco conhecido da História de Sorocaba é um exemplo de que o movimento estudantil no interior paulista, sobretudo durante a Ditadura Civil-Militar, ainda é uma seara pouco estudada pelos historiadores e cientistas sociais. Além da documentação impressa, como os periódicos dos órgãos de imprensa, também existe a possibilidade de se realizar um trabalho de História Oral, bem como de consulta a fontes primárias – que possivelmente existem – como atas dos Diretórios Acadêmicos, fontes essas que podem iluminar os diversos cantos escuros e esquecidos do nosso passado.

Referências

BATISTELLA, Carlos. **Noite do Beijo**. São Paulo: Edição do Autor, 2009.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. **Direito à Memória e à Verdade**. Brasília: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 2007.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. **Fisionomia da Cidade** – Cotidiano e transformações urbanas, 1890 – 1943. São Paulo: Editora Biblioteca 24horas, 2010.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Salvadora!** Sorocaba: Create/LINC, 2001.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Tá vendo aquele edifício, moço?** Lugares de Memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba. Maringá (PR): A. R. Publisher, 2018.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FAZANO, André., PELEGRI, Tatiana. **Como andava meu país?** Itu: Ottoni, 2009.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Memória e Sociedade. *In: Revista do Arquivo Municipal, nº 200 - Memória e Ação Cultural*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico Municipal, 1992.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IKEDO, Fernanda. **Ditadura e Repressão em Sorocaba**. Sorocaba: LINC, 2003.

PRIMO, Francisco Cordeiro de Campos; LIMA, Ary de Oliveira. **Sorocaba e seus monumentos** – Projeto Cultural. Sorocaba: Exata Comunicações, 1990.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **Os Presidentes** – Costa e Silva. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983.

Jornais

Termina hoje o boicote às aulas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 out 1968, p. 9.

Em greve hoje estudantes de SP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 out 1968, p. 13.

Estudantes do interior saem às ruas em calma. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 03 abr 1968, p. 8.

Rio Preto fará passeata à noite. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 02 abr 1968, p. 8.

Estudantes voltaram às ruas no Rio: manifestações só duraram meia hora. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba (SP), ano LXVI (66), nº 18358, 18 out 1968, p. 1.

Em Sorocaba, a polícia não chegou a intervir. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba (SP), ano LXVI (66), nº 18362, 23 out 1968, p. 1.

Suspensa a greve na Faculdade de Medicina. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba (SP), ano LXVI (66), nº 18364, 25 out 1968, p. 1.

Beijar é... um ato de amor ou um despudor. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba (SP), ano LXXVI (76), nº 21996, 06 fev 1981, p. 14.